



A arte de Wagner enquanto sintoma da degeneração fisiológica

Catherine Mesentieri Saliba Daher¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a concepção de Nietzsche sobre a decadência, estabelecendo sua conexão com a negação do corpo e da vida. Partindo de uma perspectiva crítica, investiga-se como a decadência estética está vinculada à degeneração fisiológica e moral, compreendida a partir da desagregação dos instintos, manifestação de um estado de enfraquecimento da vida. Nesse contexto, o compositor alemão Richard Wagner é apresentado como exemplo de um típico decadente, caracterizado por Nietzsche em seus escritos tardios *O caso Wagner* e *Nietzsche contra Wagner* (ambos de 1888). Ao reconhecer em Wagner a figura emblemática da expressão do ressentimento pela arte, a crítica direcionada à arte wagneriana insere-se no projeto filosófico nietzschiano de elaboração de uma fisiologia da arte, capaz de diagnosticar, por meio das criações artísticas, o estado de saúde ou de doença das forças participantes. A partir disso, este trabalho argumenta que a crítica a Wagner constitui uma via pelo qual podemos compreender a relação entre arte e vontade de poder, revelando o potencial afirmativo ou reativo da criação artística. A arte, nesse horizonte, torna-se campo de expressão da vida em sua potência ou em sua negação, conforme as forças que nela prevalecem.

Palavras-chaves: Nietzsche. Fisiologia da arte. Vontade de poder. Arte.

Abstract: This article aims to analyze Nietzsche's conception of decadence, establishing its connection with the negation of the body and life. From a critical perspective, it investigates how aesthetic decadence is linked to physiological and moral degeneration, understood through the disintegration of instincts, which manifests as a state of life's weakening. In this context, the German composer Richard Wagner is presented as an example of a typical decadent, characterized by Nietzsche in his late writings *The Case of Wagner* and *Nietzsche contra Wagner* (both from 1888). By recognizing in Wagner the emblematic figure of the expression of resentment through art, the criticism directed at Wagnerian art is inserted into Nietzsche's philosophical project of elaborating a physiology of art, capable of diagnosing, through artistic creations, the state of health or sickness of the participating forces. From this, this work argues that the criticism of Wagner constitutes a pathway through which we can understand the relationship between art and will to power, revealing the affirmative or reactive potential of artistic creation. Art, in this horizon, becomes a field of expression of life in its potency or in its negation, according to the forces that prevail within it.

Keywords: Nietzsche. Physiology of art. Will to power. Art.

1 Catherine Mesentieri Saliba Daher é licenciada em Filosofia e mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua como pesquisadora bolsista da CAPES. Suas pesquisas concentram-se no campo da Estética, tendo como referencial teórico principal as obras do filósofo alemão Martin Heidegger. E-MAIL: Catherinedaher18@gmail.com. ENDEREÇO: Rua Carvalho Júnior, nº 113. Petrópolis/RJ. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4452-568X>.

INTRODUÇÃO

Nas obras *O caso Wagner* e em *Nietzsche Contra Wagner*, ambas de 1888, Nietzsche posiciona-se criticamente frente ao cenário artístico de sua época. Típico de um extemporâneo, ele se opõe ao fascínio irrestrito que a obra de Richard Wagner exerce sobre seus seguidores, os quais, em sua perspectiva, subjugam a arte à ilusão da beleza e da melodia envolventes sem perceberem, contudo, a profunda decadência artística em que se encontram imersos. Ao observar o efeito da música wagneriana sobre seus adeptos, o filósofo alemão tece um comentário, um tanto crítico, acerca da fragilidade criativa que essa sedução ocasiona. Conforme observa: “[...] esses jovens— tesos, pálidos, inertes! São wagnerianos; nada entendem de música— e, no entanto, Wagner os domina...” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.24). Mais do que apenas uma crítica à arte wagneriana, Nietzsche nos aponta que o culto à Wagner não se limita ao músico ou à música em si, constituindo-se antes como reflexo da crise da própria estética que perdeu de vista a potencialidade transformadora e afirmativa da arte.

Ao abordar a decadência fisiológica e artística de Wagner, o filósofo enfatiza a centralidade do corpo na compreensão da existência e na produção artística, propondo a revalorização dos instintos em oposição à sua negação e ocultação. Corpo e vida não são entidades separadas, mas co-originárias, sendo que a expressão da vontade de poder—força fundamental que impulsiona tanto a saúde quanto a criação artística— deve manifestar-se através dessa união indissolúvel. A criação, portanto, deve emergir da liberdade e da organização dos instintos no corpo, em oposição ao idealismo e à abstração que permeiam tanto a ópera wagneriana quanto a tradição filosófica. Neste contexto, a filosofia, longe de encontrar-se imune à doença dos decadentes, revela-se igualmente contaminada por ela, situando-se no mesmo plano de Wagner, uma vez que sua história configura-se com o desdobramento da metafísica grega, especialmente platônica, que, ao separar corpo e alma, desconsidera a importância dos instintos na constituição da vida humana. A partir dessa crítica à filosofia grega, especialmente à platônica, Nietzsche propõe uma inversão que desafia as “verdades” estabelecidas, evidenciando a necessidade de recuperar o domínio do sensível, do corpóreo e da vitalidade tanto na arte quanto no pensamento.

Esta perspectiva, tão cara à filosofia nietzschiana, é deslocada no momento em que Wagner busca priorizar o efeito e o elementar em sua arte, representando a música sem uma verdadeira consciência acerca daquilo que produz. Em termos de comparação, Nietzsche afirma que “[...] Wagner não nos dá o bastante para mastigar. Seu recitativo—pouca carne, alguns ossos e muito caldo [...]” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.26). A metáfora, que compara a arte de Wagner a uma sopa diluída, composta mais de água do que de substância, revela a ausência de consistência e profundidade em sua música, que carece de elementos sólidos capazes de sustentar a vida e afirmar o corpo e os instintos. A estética wagneriana segue um caminho distinto, baseado na decadência e na degeneração fisiológica, o que, para Nietzsche, reflete a crise cultural diagnosticada na sociedade alemã de sua época.

Neste ponto, Nietzsche busca redefinir o que se entende acerca da arte e da criação artística. Para ele, a arte deve constituir-se enquanto expressão direta do corpo e dos instintos, manifestação da vontade de poder enquanto princípio vital. A arte, assim concebida, não deve se distanciar da corporeidade, mas sim reafirmá-la, tornando-se um meio de afirmação da vida. Mas como a vontade de poder articula-se com a fisiologia estética? De que forma Wagner, amplamente reverenciado pelos alemães de sua época, se torna a figura dessa decadência cultural? E como a filosofia, assim como a arte, pode ser interpretada como um reflexo de uma doença ou de uma saúde? Tais questionamentos serão desenvolvidos no decurso deste artigo, nos quais exploraremos as implicações filosóficas e estéticas da crítica nietzschiana ao wagnerianismo e à tradição filosófica que o antecede.

1 VONTADE DE PODER E FISIOLOGIA ESTÉTICA

A vontade de poder, frequentemente mal compreendida por diversos intérpretes e filósofos, refere-se, essencialmente, à afirmação da vida. Enquanto força fundamental, a vontade não pode ser dissociada da vida, pois ela mesma a constitui e a impulsiona. Em sua essência, a vontade está constantemente em relação com outras vontades, que se dividem entre aquelas que obedecem e aquelas que comandam. Este movimento, ou *pathos*, serve como a base para a ramificação dos instintos, direcionando-os para uma expansão contínua e crescente. A vida, assim como o mundo e suas pretensas verdades, não são passíveis de serem definidas como essências fixas ou totalidades fechadas. Ou seja, a tentativa filosófica de conceituar o fluxo incessante e imprevisível do vir-a-ser, estabilizando-o em uma forma estática, falha ao tentar capturar a dinâmica essencial da realidade, que é caracterizada por sua fluidez e imprevisibilidade. Esse impulso de ampliação, inerente à vontade de poder que busca afirmar a vida e os instintos, constitui o processo pelo qual o ser humano existe, com o corpo em sua capacidade transformadora, capaz de transvalorar o que foi estabelecido como certo e imutável. As verdades concebidas como fundações de uma realidade objetiva e universal, com a pretensão de transmitir um conhecimento fixo sobre o mundo e as coisas, são, para Nietzsche, uma forma de ocultamento da realidade, que é, por sua natureza, plural e perspectivada. Nesse contexto de perspectivas em constante conflito, diferentes conjuntos de valores e fundamentos se confrontam, com o objetivo de afirmar uma visão sobre a outra. Dessa maneira, a história configura-se como o campo onde essas batalhas entre perspectivas se desenrolam, refletindo, por fim, o próprio acontecimento da vida.

Reconhecendo que o corpo é vida e que a vida é, por sua natureza, vontade de poder, Nietzsche sublinha a importância da organização das forças que atuam sobre o indivíduo. A hierarquização dessas forças revela o estado de saúde ou doença de uma vida, constituindo indicadores de sua vitalidade potencializada ou de sua decadência. O homem nobre, que afirma a vida e se encontra em pleno estado de saúde, não recorre à absolutização da realidade nem cria uma nova ordem supra-sensível para explicar a ausência de sentido inerente à transitoriedade e ao movimento contínuo da existência humana. Este indivíduo, ao invés de negar a vida, permite que a vitalidade se manifeste enquanto força expansiva e criadora,

engajando-se em um processo incessante de transformação e de vir-a-ser. Em contraste, o decadente, o tipo ascético, cujos recursos fisiológicos e vitalidade estão amplamente comprometidos, vê a vida apenas como um meio de transição para uma outra existência. Considerada um erro, a vida é negada, e os instintos são reprimidos pela ascensão da moral, da verdade e da vontade de absolutização. A decadência, então, é indissociável da doença, que se manifesta como sintoma de uma existência desprovida de potência, marcada pela ilusão e pelo desprezo ao corpo. Por outro lado, àqueles que gozam de grande saúde pertence a arte, que, para Nietzsche, é entendida enquanto uma perspectiva de vida criadora e expansiva, representando a organização dos instintos e a hierarquização das potências. A grande saúde é, assim, a capacidade de reconhecer e aceitar a transitoriedade da vida, atravessando a experiência de um mundo desprovido de significados absolutos, mas, ao mesmo tempo, afirmando-se com coragem diante da ausência de valores definitivos.

Um dos conceitos mais fundamentais na filosofia de Nietzsche é a fisiologia da arte, abordada em *O Caso Wagner*, a qual se insere em uma visão integrada que valoriza o sensível, o corpo e a vida. Esta dimensão de sua filosofia torna-se clara quando Nietzsche discorre sobre um projeto que planejava, composto por quatro livros, sendo um deles dedicado ao estudo da fisiologia da arte. Em um trecho significativo, ele escreve:

Terei oportunidade (num capítulo da minha obra principal, intitulado “Sobre a Fisiologia da arte”), de mostrar mais detalhadamente como essa metamorfose geral da arte em histrionismo é uma expressão de degenerescência fisiológica (mais precisamente, um forma histerismo), tanto quanto cada corrupção e fraqueza da arte inaugurada por Wagner. (NIETZSCHE, CW, 2016, p.22)

A preocupação de Nietzsche com a expressão de uma arte decadente está intimamente ligada à mudança que ele observa na arte de Wagner. A abertura proporcionada pela arte wagneriana conduz Nietzsche à uma reflexão mais profunda sobre a degeneração fisiológica, sendo este um ponto crucial para o entendimento de sua crítica. Considerando os pilares de sua filosofia—como a vontade de poder, que se articula com a afirmação do corpo, da vida e dos instintos— *O Caso Wagner* destaca a relevância de integrar esses princípios. Nietzsche argumenta que a degeneração fisiológica surge da desintegração do corpo em relação à vida, sendo o reflexo de uma existência que se afasta da sua potência vital. Quando o corpo experimenta essa degeneração, o indivíduo se expressa conforme as forças que o direcionam para a destruição, e tanto a arte quanto a filosofia tornam-se sintomas de uma doença que nega a vida. Em suma, a negação da vida, ao ser internalizada, resulta na redução da vitalidade humana. Assim, uma vida decadente se configura como um sintoma de degeneração fisiológica, caracterizada pela ausência da pulsão vital no corpo e pela falta de vontade de poder, entendida como o impulso incessante do vir-a-ser. Este processo evidencia-se no exemplo de Wagner, que, enquanto um típico decadente, se expressa artisticamente de maneira enfraquecida, uma vez que sua saúde e vitalidade estão comprometidas. A arte de Wagner, nesse contexto, se apresenta não apenas como uma expressão estética, mas como um reflexo da

decadência fisiológica e da redução da potência vital que Nietzsche vê como característica de sua época.

A fisiologia estética, portanto, desafia os parâmetros tradicionais da estética filosófica. A arte, em vez de ser abordada sob uma perspectiva racional ou abstrata, como em Kant e Schopenhauer, passa a ser entendida a partir da experiência vivida pelo próprio artista, que sente fisiologicamente o pulsar da vida em seu corpo e, a partir dessa vivência, cria. Em *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche articula uma crítica contundente à tradição estética, especialmente à concepção kantiana do “espectador desinteressado”, quando afirma:

Kant imaginava prestar honras à arte, ao dar preferência e proeminência, entre os predicados do belo, àqueles que constituem a honra do conhecimento: impessoalidade e universalidade. Este não é o lugar de discutir se isto não foi essencialmente um erro; quero apenas sublinhar que Kant, como todos os filósofos, em vez de encarar o problema estético a partir da experiência do artista (do criador), refletiu sobre a arte e o belo apenas do ponto de vista do “espectador”, e assim incluiu, sem perceber, o próprio “espectador” no conceito de “belo”. (NIETZSCHE, GM, 2012, p. 71).

Enquanto para Kant o belo é algo universalmente satisfatório, para Nietzsche, essa concepção de “belo” é apenas mais um conceito que objetifica aquilo que deve ser primeiramente sentido. Ao criticar tanto Kant quanto Schopenhauer, Nietzsche destaca que a estética proposta por ambos está inserida dentro de uma perspectiva ascética, na qual a vontade do indivíduo, especialmente do criador, é redimida, em vez de ser expandida e potencializada. Diante disso, ao associar a estética à fisiologia, Nietzsche desloca o centro da arte da figura do espectador para a força vital que impulsiona o artista, cuja vontade de poder encontra na criação uma forma de expressão. Em *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), ele desenvolve a ideia da fisiologia estética a partir da noção de embriaguez, ao afirmar que:

Para haver arte, para haver alguma atividade e contemplação estética, é indispensável uma pré-condição fisiológica: a *embriaguez*. A suscetibilidade de toda a máquina tem de ser primeiramente intensificada pela embriaguez: antes não se chega a nenhuma arte. (NIETZSCHE, CI, 2012, p.55)

Neste contexto, a embriaguez não se refere ao estado de intoxicação alcoólica, mas à ampliação e intensificação das forças vitais que tornam possível a criação artística. Em outras palavras, a embriaguez é a condição fisiológica essencial para a produção artística, pois sem essa intensificação da vida e modificação do corpo, não há arte. Tanto a contemplação estética quanto a produção artística dependem dessa condição fisiológica de excitação dos sentidos. A arte afirmativa, ligada à embriaguez, é precisamente o que Nietzsche não encontra na música de Wagner, que, ao ignorar as condições fisiológicas do corpo, subverte-as em metafísica ou intelectualidade, promovendo ideais ascéticos e decadentes. A partir dessa

fundamentação, passamos a explorar os argumentos nietzschianos contra Wagner, quando o mesmo o define enquanto um típico decadente.

2 WAGNER: UM TÍPICO DECADENTE

Diante da decadência cultural que caracteriza a sociedade alemã de sua época, Wagner emerge como líder dos doentes, um propagador dos sintomas de uma enfermidade dos pobres de espírito, atraindo indivíduos igualmente decadentes que se reconhecem na teatralidade exagerada de sua obra. Para Nietzsche, a arte está indissociavelmente vinculada a pressupostos biológicos, de modo que a criação artística está sempre relacionada à saúde ou à doença do corpo. A arte debilitada, representada pela música wagneriana, não favorece a expressão da potência vital do corpo, mas contribui para o embotamento dos sentidos, uma indigestão que empobrece a experiência de vida. A música, uma das formas mais suscetíveis à deturpação pela exacerbação emocional, assim como a literatura, perde seu valor artístico ao ser reduzida à busca por efeitos superficiais. Por isso, Nietzsche observa: “Wagner não calcula jamais como músico, a partir de alguma consciência musical: ele quer o efeito, nada senão o efeito” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.25). Ao buscar exclusivamente o efeito, a música wagneriana jamais alcança a autenticidade, sendo, no entanto, tida como genuína por seus seguidores. Tanto a beleza verbal quanto a musical, quando excessivamente manipuladas, tornam-se perigosamente eficazes para os pobres de espírito, que, seduzidos pelo “mistério” das óperas wagnerianas, buscam nelas apenas um alívio para suas almas e seus sentidos. Esses indivíduos, já doentes e debilitados, são facilmente atraídos pela natureza histórica da arte de Wagner. A questão que Nietzsche coloca, então, é: como Wagner consegue conquistar tais seguidores? Sua resposta é clara:

Em sua arte se encontra, misturado de maneira mais sedutora, aquilo que o mundo hoje tem mais necessidade— os três grandes estimulantes dos exaustos: o elemento brutal, o artificial e o inocente (idiota). [...] Ele percebeu nela (na música) um meio para excitar nervos cansados— com isso tornou a música doente. (NIETZSCHE, CW, 2016, p.19)

Como típico decadente, Wagner seduz seus adeptos para a ruína do corpo e da vida, utilizando grandes símbolos em suas obras. O “grande músico”, ao considerar a música sua redenção, não fez mais do que perdê-la. O caráter de sua arte, mais hipnótico e teatral do que genuinamente musical, revela a Nietzsche que Wagner nunca foi um músico instintivo, mas, antes, nosso “*encenador par excellence*” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.25). Com suas óperas compostas por cenas que transtornam e efeitos minuciosamente calculados, Wagner “tornou-se o herdeiro de Hegel... A música como “idéia” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.31).

A arte de Wagner, entendida como um palco teatral para sua ascensão enquanto ator, revela-se, para Nietzsche, uma extensão de um instinto debilitado que se ampara no mundo da arte. A arte, enquanto sintoma da falta de potência vital, se torna a expressão de um caráter

decadente, marcado pela ausência de vitalidade e pela negação da vida. A arte, entendida como um palco teatral para a ascensão de Wagner enquanto ator, revelou-se, para Nietzsche, uma extensão de um instinto debilitado, respaldado no mundo da arte. Sintoma da ausência de potência vital, a arte doente de Wagner torna-se a manifestação de um caráter decadente, refém de suas próprias limitações físicas e espirituais.

Considerando a concepção nietzschiana de arte, intrinsecamente vinculada aos pressupostos biológicos e à condição de embriaguez como um meio para a expressão artística, é possível concluir que a condição fisiológica de Wagner se encontra profundamente debilitada. Na ausência de potência vital, da expansão e da intensificação dos instintos, “o músico agora se faz ator, sua arte se transforma cada vez mais num talento para mentir” (NIETZSCHE, CW, 2016, p.22). Em suma, a arte wagneriana, enquanto expressão de uma degeneração fisiológica, caracteriza-se pela fraqueza estrutural de sua forma: embora cada parte tenha uma necessidade específica, a vida, em sua totalidade, não pode e nunca poderia habitar o todo. Diante desse diagnóstico, surge a questão: seria Wagner realmente um músico? Somente Nietzsche pode fornecer uma resposta precisa a essa indagação, conforme expresso em sua análise:

Em todo caso, ele era algo mais: um incomparável histrio, o maior mímico, o mais espantoso gênio teatral que tiveram os alemães, nosso encenador par excellence. Ele pertence a outro lugar, não à história da música: não se deve confundi-los com os grandes da música. Wagner e Beethoven: isto é uma blasfêmia—e, por fim uma injustiça mesmo para com Wagner... Também como músico ele foi apenas o que foi absolutamente: ele *tornou-se* músico, *tornou-se* poeta porque o tirano dentro dele, seu gênio de ator, a isso o obrigou. Nada se percebe de Wagner, enquanto não se percebe o seu instinto dominante. (NIETZSCHE, CW, 2016, p.25)

Este trecho nos revela a crítica de Nietzsche à percepção tradicional de Wagner como um grande compositor. Para o filósofo alemão, Wagner não se insere no ambiente dos grandes músicos, tendo em vista que sua arte não emerge da verdadeira potência musical, mas de um instinto predominante, do gênio teatral que o impulsiona, desvirtuando sua performance musical para uma forma mais próxima da performance dramática e teatral. Wagner se revela mais como um encenador do que um músico, e sua arte se distancia da criação musical autêntica, tornando-se uma manifestação teatral. A arte de Wagner, assim, reflete a decadência de uma vida e uma vitalidade que não são capazes de afirmar o corpo, mas sim de submeter-se a uma teatralidade superficial, própria de um espírito doente.

CONCLUSÃO

Conforme exposto, pode-se afirmar que, para Nietzsche, a estética tal como entendida pela tradição filosófica não oferece uma compreensão profunda da arte ou do artista,

pois está centrada, predominantemente, no espectador. Seja por meio do idealismo ou do racionalismo, os filósofos nunca conseguiram abordar adequadamente a criação artística ou a arte em sua essência. Ao incorporar os conceitos de vida e vontade de poder, Nietzsche propõe uma reorientação das questões estéticas, deslocando-as para o domínio da fisiologia. Nesse sentido, vinculada aos pressupostos biológicos, a arte surge enquanto um reflexo e expressão de uma vida afirmativa ou decadente. Sendo assim, ao examinar a música de Wagner, Nietzsche ilustra de forma contundente como a criação artística depende da integração do corpo à vida e da vida à vontade de poder. Concluimos, diante disso, que a arte de Wagner, marcada pela debilidade dos instintos, é uma arte degenerada. Para Nietzsche, a arte é inseparável do estado fisiológico do artista, que, imerso na abundância da vida ou debilitado pela doença que a nega, manifesta, tanto na arte quanto na filosofia, sua própria condição vital. Dessa maneira, a crítica à arte wagneriana insere-se no projeto mais amplo de uma transvaloração dos valores, no qual a fisiologia da arte torna-se instrumento diagnóstico da saúde ou doença de uma cultura, revelando as forças afirmativas ou reativas que nela prevalecem.

REFERÊNCIAS

- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo; O caso Wagner: um problema para músicos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de potência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária., 2010.
- PEREIRA, Camilo. "Nietzsche e a fisiologia da arte". *Cad. Nietzsche*. São Paulo, SP, v. 36, n. 2, pp. 177-200, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422015v3602cljp>. Acesso em: 11 ago., 2025.
- KAIZER, Vitor. "A fisiologia da estética em Nietzsche: da genealogia à vontade de potência". *Kínesis*, Vol. XI, nº 29 (Ed. Especial), outubro de 2019, p.91-90. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2019.v11.n29.08.p91>. Acesso em: 11 ago., 2025.

Artigo Submetido em 07/09/2025 e aprovado em 14/09/2025

Breves informações sobre o autor: Catherine Mesentieri Saliba Daher é licenciada em Filosofia e mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua como pesquisadora bolsista da CAPES. Suas pesquisas concentram-se no campo da Estética, tendo como referencial teórico principal as obras do filósofo alemão Martin Heidegger.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4452-568X>

E-mail: Catherinedaher18@gmail.com

Endereço: Rua Carvalho Júnior, nº 113. Petrópolis/RJ

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Paulo Rogério da Rosa Corrêa, Kelly de Fátima Castilho